

Bem-vindos à 11a Bienal de Artes Visuais do Mercosul

A abertura desta edição celebra os 21 anos de história de uma instituição que nasceu com a iniciativa de promover a reescrita da história da Arte eurocêntrica por um ponto de vista latino-americano. A edição atual, que é concomitante ao marco dos 130 anos de abolição da escravatura brasileira, nos convida para um mergulho nas águas do oceano que interliga, há mais de 500 anos, os destinos da América com os de outros dois continentes: África e Europa.

Desde sua inauguração em 1997, a Bienal de Artes Visuais do Mercosul recebeu o mesmo nome do tratado econômico que surgiu em 1991 formando um bloco de países reunidos pelo desejo de garantir uma maior integração política e socioeconômica da América do Sul. Na época de sua criação, o discurso de afirmação do regionalismo, tanto na arte quanto na economia, era o caminho proposto para enfrentar a globalização, acentuando a originalidade da arte produzida na América do Sul, apresentando as potencialidades de uma dimensão simbólica de nossa autonomia criativa. O primeiro gesto histórico, que há 10 edições atrás inaugurou, através da arte e da cultura, os valores emergentes das construções da identidade latino-americanas no final do séc.XX, é visto hoje sob uma perspectiva que compreende as identidades latino-americanas em relação ao Triângulo Atlântico, expandindo nossas fronteiras internas além-mar. O curador Alfons Hug e a curadora adjunta Paula Borghi reúnem nesta edição 70 artistas e coletivos de artistas que expressam, em formas diversas, pulsões artísticas e culturais que tensionam as históricas relações de interdependências transatlânticas na contemporaneidade, inclusive evidenciando certos avanços socioculturais que foram feitos nos últimos anos no Brasil.

A peculiaridade desta Bienal é reunir pela primeira vez, arte africana, afro-brasileira e indígena em diálogo, reconhecendo o legado do grande impacto da diáspora negra na construção do Brasil. O trânsito comercial que estabeleceu o Triângulo Atlântico foi um instrumento de expansão ibérica colonial que recebeu justificativa religiosa na época, pois o comércio de escravos também servia como reparação à evangelização das comunidades indígenas. Milhões de homens e mulheres, oriundos de grupos étnicos africanos distintos, foram capturados e despersonalizados, vendidos como escravos por uma engendrada rede de comerciantes negreiros. Sabemos que quase a metade de todo o tráfico negreiro veio para o Atlântico Sul, sendo a antiga costa litorânea do Rio de Janeiro o grande porto de entrada da diáspora negra, enfatizado na declaração de tombamento do sítio arqueológico do Cais do Valongo como Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO no último ano.

A convite da curadoria, 2 artistas brasileiros, Camila Soato e Jaime Lauriano, realizaram residências artísticas em comunidades quilombolas remanescentes. Camila Soato desenvolveu seu projeto em diálogo com a comunidade do Quilombo Areal, no centro urbano da cidade de Porto Alegre, que estará no mapa de visitação da Bienal apresentando uma exposição, no prédio sede da associação, de pinturas realizadas pelas suas moradoras. Já o artista Jaime Lauriano, realizou residência entre as comunidades quilombolas Família Silva (Porto Alegre) e Vó Elvira (Pelotas), apresentando esse diálogo entre os territórios de resistência em uma exposição na Casa 6 em Pelotas. A exposição da 11a Bienal de Artes Visuais do Mercosul acontece de 06 de abril a 03 de junho de 2018 nos espaços do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Memorial do Rio Grande do Sul, Santander Cultural, Praça da Alfândega e Igreja Nossa Senhora das Dores, no Centro Histórico de Porto Alegre.

Atualmente, o Brasil é o país no mundo com a maior população negra fora de África. É importante percebermos que as políticas afirmativas e de reparação para a população negra, que resiste e luta por igualdade e direitos sociais desde o início do projeto colonial, interessam à própria democracia brasileira porque se faz urgente que a maioria social do país esteja representada.

O Programa Educativo da 11a Bienal do Mercosul convida à criação de novas possibilidades por meio da experiência estética, que lança um olhar sobre o processo de crioulização estabelecido nos pontos de contato entre as culturas de matriz indígena, africana e europeia, evidenciando o intenso fluxo de mescla dessas práticas sociais em trânsito.

Para a nossa ação educativa, todo mundo tem lugar de escuta, todo mundo tem lugar de fala. Acreditamos que as experiências da arte e educação possibilitam o exercício fundamental de pensar em como existimos, e particularmente no âmbito desta Bienal, percebemos que os vínculos formados por uma primeira triangulação atlântica não cessam de reconstruir novos laços, em meio aos movimentos de imigração contemporânea que atualizam constantemente a nossa produção de cultura com o recebimento e acolhimento de novas influências.

A nossa construção de diálogos com o público começou com a realização do Programa de Formação para Educadores Paraíso Paradoxo, que aconteceu durante o mês de março de 2018, promovendo diversos encontros com artistas, curadores, lideranças indígenas e quilombolas. Os professores do Programa foram convidados para apresentar suas pesquisas em arte afro-brasileira, arte africana, história da arte latino-americana e brasileira, ciências políticas da diáspora negra, história das formações de quilombos e comunidades quilombolas remanescentes no Rio Grande do Sul, além de debates ao redor de práticas de resistência e descolonialidades. Os encontros ativaram linhas que perpassam a imensidão de narrativas, conflitos, negociações e criações, na cultura, na arte e na vida, dos trânsitos no Atlântico Sul.

Elaboramos um material pedagógico apresentando uma seleção de 20 artistas que participam desta edição da Bienal do Mercosul, em seus contextos sócio-políticos, com imagens de suas obras e propostas de atividades. Acompanha um glossário de palavras com os significados escritos no verso que poderá ser recortado e usado como um jogo. O material, distribuído gratuitamente, também é disponível online para download.

O Programa Educativo realizará visitas mediadas à exposição, gratuitamente, para todos os públicos, afim de potencializar O Triângulo Atlântico como lugar de acolhimento, conversa e reflexão com a arte contemporânea. Escolas, instituições e associações públicas e/ou comunitárias de arte, ensino e cuidado poderão agendar sua visita e solicitar transporte gratuito.

Axé!

Bianca Bernardo
Coordenadora Pedagógica
11a Bienal de Artes Visuais do Mercosul
O Triângulo Atlântico